

**«QUÃO FUNDO É O FUNDO?»
PERSPECTIVAÇÃO NO CASO DAS EXPRESSÕES
COM ‘AO FUNDO’ EM PORTUGUÊS EUROPEU
E PORTUGUÊS DO BRASIL¹**

HANNA J. BATORÉO
(Universidade Aberta / CLUNL)

LILIAN FERRARI
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: In the present paper we shall discuss different locations of perspective point (viewpointing) as discussed in underlying events of motion in Portuguese, both in European and Brazilian Portuguese, in the case of the expression ‘ao fundo’ (at/to the bottom; at/to the end). We start with physical motion, and its metaphorical extension(s), and then focus on fictive motion and its conceptual and contextual specificities when used in EP (but not BP) space directions. In EP the prototypical vertical reference to depth gives place to (i) horizontal or non-directioned, (ii) frequently deictic, and (iii) viewpointed semantic extensions, indicating the end of the horizontal path getting as far as the speaker’s “mental eye” can reach (Batoréo, 2014 a, b; Batoréo & Ferrari, 2013). We defend that human cognition is not only rooted in the human body, but also inherently viewpointed in language (Dancygier & Sweetser, 2012), and we postulate that in the case of some EP uses of ‘ao fundo’ we are dealing with a special sort of location of perspective point underlying events of fictive motion, placing one’s “mental eye” to look out over the rest of the scene, as initially formalized by Talmy (2000).

KEYWORDS: perspective point (viewpoint, vantage point); Talmyan cognitive semantics; expression of space; events of motion; deixis; fictive motion; Portuguese (EP and BP); interlinguistic studies.

1. Introdução

A centralidade do espaço na cognição humana (cf. Batoréo, 2000) pode ser percebida na recorrente espacialização de conceitos não-espaciais, como

¹ Este trabalho foi parcialmente financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto PEst – OE/LIN/UI13213/2014

evidenciam os estudos sobre a metáfora em Linguística Cognitiva. A Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff e Johnson, 1980 e 1999) demonstrou, exaustivamente, que metáforas espaciais estruturam conceitos abstratos tais como o tempo (conforme se pode observar, por exemplo, na expressão ‘*em cima da hora*’), as relações de parentesco (p. ex., ‘um primo *próximo*’) ou a estrutura social (p. ex., ‘status social *alto*’).

Os estudos pragmáticos em Linguística têm ressaltado, por outro lado, que as expressões espaciais podem ser subdivididas em deícticas e não-deícticas: no primeiro caso, a interpretação depende do local em que o falante se encontra quando produz a expressão (p. ex., ‘*aqui*’, ‘*nesta sala*’, ‘*lá*’, etc.), enquanto, no segundo, o significado não depende dos parâmetros espaciais do evento de fala (p. ex., *no Rossio, no 2.º andar do prédio, etc.*). As descrições pragmáticas reconhecem, ainda, que há expressões locativas que admitem tanto interpretação deíctica como não-deíctica, dependendo esta interpretação do contexto (Levinson, 2003). Assim, por exemplo, duas pessoas sentadas numa mota podem ser descritas como estando sentadas uma *atrás* da outra e esta localização não depende do ponto de vista do locutor que descreve a situação, pelo que *não é deíctica*. No entanto, se o mesmo locutor verificar que a referida mota passa à frente de um prédio, pode descrever que este prédio se encontra *atrás* (ou *por trás*) da mota, descrição que vai mudar em função da deslocação do próprio locutor e a respectiva expressão *deíctica* que ele utilizar.

Levando em conta essa dupla possibilidade de interpretação das relações espaciais, o objetivo do presente estudo é focar alguns usos espaciais tanto deícticos como não-deícticos da expressão espacial ‘*ao fundo*’, contrastando o Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB).

O enquadramento teórico do estudo encontra-se na investigação linguística sobre a perspectivação, entendida como o ponto de vista cognitivo ancorado na expressão linguística, pesquisa que tem vindo a ser desenvolvida nos últimos anos em Linguística Cognitiva (Talmy, 2000 e Langacker, 2000 e 2010, cf. Batoréo 2014b).

The term *perspective* subsumes several aspects of construal whose characterization as viewing effects seems quite straightforward. In actual vision, there is always a *vantage point* (or *view-point*), the spot at which the viewer is situated and from which the scene is viewed.

(Langacker, 2000: 207).

Recentemente, o assunto tem vindo a ser focado com ainda mais interesse (cf. Dancygier e Sweetser, 2012), defendendo-se que a cognição humana não só se encontra profundamente ancorada no nosso corpo como também é fortemente perspectivada na linguagem (conforme defendido em: Ferrari e Sweetser, 2012).

Viewpoint permeates human cognition and communication – predictably, since we never have experience of the world except as viewpoint-equipped embodied

self among other viewpointed embodied selves. Language reflects this fact of embodiment: linguistic structure shows no way entirely out of viewpoint to an objective pre-experiential description of the world. But it also shows in fascinating and complicated ways the possibility of a single mind accessing multiple different viewpoint affordances on the same scene. Without such cognitive flexibility, humans could not cooperate and communicate at the high level that is apparently unique to our species, and universal to neurally and developmentally typical members of the species (Tomasello 1999, 2008). For this reason, viewpoint is a phenomenon of special interest to almost anyone studying cognition or communication: linguists, cognitive scientists, literary analysts, philosophers, and many more.

(Dancygier and Sweetser, 2012: 1).

A principal contribuição do presente estudo é, por conseguinte, fornecer evidências de que, embora a expressão ‘*ao fundo*’ seja utilizada tanto em PE como em PB, as respectivas distribuições e usos podem ser diferentes nas variedades portuguesa e brasileira, o que – consequentemente – pode levar a dificuldades na percepção das especificidades da variedade não-materna do falante, perturbando (ou, mesmo, impossibilitando) a inter-compreensão entre as variedades. Estas distribuições e usos variam em função das estratégias cognitivas distintas de conceptualização e estruturação do espaço, ancoradas na noção de ponto de vista (isto é, na perspectivação), que surgem no PE e PB.

2. Expressão ‘*ao fundo*’ em Português: sentido prototípico do movimento físico e extensões metafóricas

Em Português, a expressão ‘*ao fundo*’, tal como observada em contextos como: ‘*a viagem ao fundo do mar*’ ou ‘*a viagem ao fundo do ego*’, é intrinsecamente polissémica, o que iremos analisar e discutir a seguir, a partir dos exemplos de (1) a (6), em que a referência é feita ao movimento (físico, fictivo ou abstracto). Pontualmente, a expressão ‘*ao fundo*’ pode surgir, também, na referência à localização estática, como observado em: ‘*histórias com o mar ao fundo*’ (no sentido de *plano de fundo*), mas, por regra, quando a referência é estática, o Português selecciona a expressão ‘*no fundo*’, como em: ‘*estar no fundo do mar*’.

No que diz respeito à expressão do movimento, o sentido prototípico da expressão ‘*ao fundo*’ pode ser observado no exemplo (1):

(1) *O barco acaba de ir ao fundo.*

Neste caso, indica-se o movimento direccionado para baixo que se desenvolve *pelo eixo vertical*, atingindo o seu alvo quando chega ao ponto limítrofe (isto é, *ao fundo*) do próprio trajecto, motivando, assim, transparentemente a expressão linguística utilizada. Neste sentido, o movimento desenvolve-se prototipicamente em contentores físicos que dispõem do *fundo* intrínseco, tais como recipientes naturais (p. ex., mar, piscina, rio, poço), con-

forme observado em (1), ou utensílios de cozinha (copo, panela, tacho, prato fundo, etc.). A expressão perifrástica ‘*ir ao fundo*’ em (1) é muito comum no PE, enquanto o PB prefere, neste contexto, um verbo sintético ‘*afundar*’, lexicalizando o alvo do movimento físico (exemplo 1a), uso também observado em PE com ‘*afundar-se*’ (exemplo 1b)..

(1a) **PB**: ‘O barco acaba de afundar.’

(1b) **PE**: ‘O barco acaba de se afundar.’

Por sua vez, o sentido prototípico que refere o movimento físico observado em (1) constitui a base para vários tipos de extensões metafóricas, nas quais ‘*o fundo*’ ganha um sentido espacial diferente. A seguir, iremos abordar dois tipos destas metaforizações, exemplificadas em (2) e (3), respectivamente. Vejamos, agora, o primeiro tipo de movimento metafórico em (2):

(2) ‘Lá está o Congresso com as suas cúpulas **ao fundo**.’

Em (2), a referência parece ser estática, porque se trata de uma descrição sem movimento físico, dado que nem o referente de ‘*as cúpulas*’ nem o respectivo falante se movem. No entanto, estamos, aqui, perante o que em Linguística Cognitiva se convencionou chamar de *movimento fictivo*, construído por extensão metafórica a partir do movimento físico (como em (1)). O conceito foi inicialmente proposto por Leonard Talmy nos anos oitenta (cf. Talmy, 2000) como uma extensão metafórica do movimento físico, atribuída aos objectos, matérias ou conceitos abstractos que não se podem deslocar – no sentido tradicional (e prototípico) da palavra – através do espaço físico. Assim, no enunciado: ‘*Esta estrada vai para Lisboa*’, quem efectua o movimento é a própria estrada, dando origem a um movimento fictivo no sentido talmiano.

Em (2), o movimento fictivo é efectuado pelo *olhar do falante*, que vislumbra um cenário afastado do seu ponto de referência (‘*Lá está o Congresso..*’), dando origem a uma referência deíctica. A deslocação do olhar é efectuada na direcção (aproximadamente) *horizontal* ao contrário do observado no movimento físico vertical em (1).

Um outro tipo de metaforização nada tem a ver com o movimento fictivo e pode ser observado em (3):

(3) É preciso ir **ao fundo** nas questões/ investigar as coisas a fundo.

Aqui, ‘*ir ao fundo*’ quer dizer *estudar as coisas com rigor*, em que pelo *fundo* se entende *o cerne da questão* estudada, pelo que se pode defender que a polissemia, neste caso, não é tanto de toda a expressão, mas antes apenas do seu núcleo. Trata-se, de uma expressão privilegiada pelo PE (mas não pelo PB), na qual o falante representa os acontecimentos do ponto de vista da consciência do próprio experienciador, projectando metaforicamente (isto é, partindo de um domínio conceptual para um outro) a sua perspectiva sobre as entidades não-físicas. Do mesmo modo como já acontecia no exemplo (1), também em (3), o PB prefere o uso da forma sintética e lexicalizada de ‘*afundar-se*’, conforme demonstrado em (3a), apresentando, no entanto,

algumas restrições sintácticas que a diferenciam da expressão equivalente em (3b), utilizada em PE:

- (3a) PB: *É preciso nos aprofundarmos nas questões.*
 (3b) PE: *É preciso aprofundarmos as questões.*

Na extensão metafórica em (3), perde-se a direccionalidade do movimento vertical orientado para baixo do sentido prototípico (cf. ex. (1)), visto que a ideia de aprofundar as questões com rigor e pormenor indo ao cerne da questão não é espacialmente orientada. No caso desta conceptualização, o que se mantém expressamente é o marco limítrofe do movimento (isto é, o *fundo* como limite).

O estudo dos exemplos (1) e (3) acima apresentado demonstra que, embora a expressão ‘*ao fundo*’ seja uma construção do Português, cada uma das variedades nacionais da Língua Portuguesa apresenta especificidades pragmáticas de uso que apontam para preferências alternativas entre construções perifrásticas, privilegiadas por PE, e formas lexicalizadas sinónimas, privilegiadas por PB.

3. Movimento fictivo, o emprego deíctico e o ponto de vista na conceptualização da expressão ‘*ao fundo*’: discrepâncias entre o PE e o PB

Em PE, é frequente observar-se o uso da expressão ‘*ao fundo*’ (cf. *Corpus da Linguateca*) que refere um movimento fictivo, tal como discutido em (2) acima e, agora, exemplificado em (4):

- (4) PE: *Atravessamos uma sala enorme e vazia, com um palco ao fundo e uma «jukebox» e chegamos à sala de refeições, onde somos recebidos (...) por duas(...) cozinheiras (...).*

(In *Linguateca*: par=ext815075-clt-95b-2.)

Neste caso, o movimento é fictivo, isto é, é efectuado pelo *olhar* que “viaja” até aos fundos de uma enorme sala. Neste caso, a deslocação *fictiva* do olhar pode ser acompanhada pelo movimento físico do corpo do falante, que se desloca até *ao fundo* da sala: ‘*Atravessamos uma sala enorme e vazia... e chegamos...*’. O cenário espacial é, neste caso, extenso e os marcos físicos limítrofes difusos e aproximados (com a excepção parcial da «jukebox» e da sala de refeições). Neste sentido, o espaço fictivo em (4) pode ser visto como aproximadamente horizontal, mas sem trajectória topográfica definida, ao contrário do que acontecia em (1), num movimento físico vertical orientado para baixo ou mesmo em (2), num movimento fictivo horizontal, mas com a referência topográfica bem definida. Em (4), o marco limítrofe existe, mas é vago, surgindo apenas no fim do percurso do movimento fictivo do olhar, correspondendo este ponto, aproximadamente, ao que o falante brasileiro indicaria como ‘*no final da sala*’. Isto significa que, em PE, se trata de um *movimento deíctico*, porque o percurso do olhar e o seu alcance variam com a percepção visual do falante e a respectiva *perspectivação*,

apesar de não existir no contexto de (4) nenhum marcador linguístico explícito de carácter deíctico, ao contrário do observado anteriormente em (2).

A indicação da direcção espacial ‘*ao fundo*’, tal como exemplificada em (4), é extremamente comum nas expressões do dia-a-dia em PE. Basta entrar num restaurante ou num bar em Portugal e perguntar pela casa de banho para receber como resposta: ‘*ao fundo e à esquerda/ à direita*’, frequentemente acompanhado por um gesto indicativo de uma determinada direcção, numa orientação aproximada, mas um tanto difusa, referindo uma localização do outro lado do espaço do estabelecimento, em direcção à qual, primeiro, dirigimos o olhar (num movimento fictivo) e que, só depois, atravessamos (num movimento físico). Esta orientação espacial pode ser indicada tanto num espaço fechado, como o atrás descrito, como num espaço aberto ou semi-aberto, por vezes de grandes dimensões – como num parque, num jardim, num supermercado, num parque de estacionamento, etc. – onde não é fácil perceber qual é o referente perspectivado pelo falante e subjacente ao ‘*ao fundo*’. Este carácter difuso da indicação, por um lado, e deíctico, por outro, é frequentemente intuído como confuso pelos falantes brasileiros em Portugal, que se sentem desorientados, desinformados e, por vezes, perdidos em termos espaciais e comunicativos, não sabendo a que lado se devem dirigir, quando se lhes propõe que se dirijam até ‘*ao fundo*’ (cf. Batoréo e Ferrari, 2013).

Quando a indicação de deslocação é dada num espaço em que, pelas características do terreno, não é fácil abranger pelo olhar a totalidade do percurso de uma só vez, nem definir a sua dimensão ou o tempo que vai demorar a deslocação física, o olhar inicial de quem indicou o caminho referindo o ‘*ao fundo*’ pode nada vir a ter a ver com a percepção de quem recebeu a indicação e se encontra em movimento à procura do ponto final do percurso. Quando estamos à procura de uma saída de um enorme parque ou jardim labiríntico (como acontece, por exemplo, nos jardins do Palácio de Queluz, perto de Lisboa), procurar entender uma indicação espacial do tipo ‘*ao fundo e à esquerda/ à direita*’ pode demorar horas, nada tendo a ver com o alcançar um ponto final real de um caminho a ser percorrido numa deslocação física.

Uma situação análoga à analisada em (4) pode ser observada também em (5), num enunciado proveniente do *corpus* da *Linguatca* do Português Europeu, quando o limite do olhar do falante é determinado pela indicação difusa ‘*onde termina a longa fita de areia*’ sem pontos de referência fixos:

- (5) PE: *Tínhamos decidido que a câmara ficaria empoleirada nas rochas, lá ao fundo, ondetermina a longa fita de areia.*

(In Linguatca: par=ext7271-nd-95a-2).

Em (5), à partida, a indicação espacial é fortemente deíctica pelo uso explícito de ‘*lá*’. Por conseguinte, ‘*lá ao fundo*’ significa *longe do ponto de referência do locutor, até aonde o seu olhar consegue chegar*, indicação que

em termos espaciais é muito imprecisa e difusa. A indefinição é maior, se o locutor se estiver a deslocar fisicamente no espaço, no sentido da *'longa fita de areia'* indicada como a referência limítrofe: a sua percepção do que vê vai melhorar, o seu olhar vai ter maior alcance e a referência do *'lá ao fundo'* poderá ser outra do que a inicial, sobretudo se o areal for muito extenso e não for possível alcançá-lo pelo olhar de uma só vez.

No caso de (5), temos um claro caso de *perspectivação* da referência espacial, porque o *ponto de vista* do falante e, com ele, o limite visual do olhar é temporário, sofrendo alterações à medida que (i) o falante se aproxima (ou afasta) fisicamente do areal e/ou (ii) o falante desloca o alcance do olhar, sem se deslocar fisicamente. No primeiro caso estaremos, então, perante o movimento físico do falante, ao qual se pode associar também o movimento fictivo do seu olhar, enquanto, no segundo caso, temos o movimento fictivo do olhar sem o movimento físico do locutor, porque este não se desloca no espaço. Numa situação análoga à descrita em (5), onde o falante do PE coloca a expressão *'lá ao fundo'*, o falante do PB irá utilizar a expressão *'no fim'* (ou *'no final'*), referindo – tal como acontece noutras línguas (cf. em Inglês, *'at the end'*) – o limite do percurso topográfico a fazer pelo falante, em vez de uma referência deíctica difusa.

Por conseguinte, a discrepância observada nos usos PE e PB existente na construção da experiência espacial, conforme exemplificado em (4) e (5), pode estar na base de problemas comunicativos entre os falantes das duas variedades do Português, dado que cada uma delas constrói a respectiva referência, utilizando uma perspectivação diferente e recorrendo para tal a meios linguísticos por vezes inesperados na outra variante. Perante a indicação de direcção topograficamente difusa e fortemente deíctica, o falante que espera uma referência espacial definida sente-se perdido e confuso, o que o pode levar a perder a confiança no alocutário, desacreditá-lo ou, até, acusá-lo de procurar confundir propositadamente os outros com as indicações empregadas.

Uma situação análoga ao exemplificado em (4) e (5) pode, igualmente, surgir numa referência metafórica construída como extensão de uma referência espacial física (cf. os exemplos em (1) a (3) acima). Observe-se, por conseguinte, a expressão fixa do PE *'uma luz ao fundo do túnel'*, tal como exemplificada em (6), à qual corresponde a expressão brasileira *'uma luz no fim de tunel'*.

(6) PE: «Ao longo destes anos ainda não conseguimos ver a luz **ao fundo do túnel**», admitiu um alto responsável da PJ ao nosso jornal.

(In *Linguateca*: par=ext1210242-soc-92a-3)

Nas duas variedades do Português, a expressão metafórica em (6) refere uma situação de resolução difícil, conceptualizada como um túnel escuro e estreito como se de um tubo se tratasse. Neste espaço abstracto, procura-se

um raio de esperança, que funcionará como uma luz a iluminar o espaço escuro, quando o tempo de permanência no túnel terminar. No entanto, a construção espacial observada em cada uma das variedades é distinta, porque a perspectivização utilizada pelos seus falantes parte de pontos de vista diferentes. No caso do PB, o túnel é perspectivado do ponto de vista *exterior* à situação como um tubo que tem um princípio e um fim, pelo que a sua existência é delimitada no tempo pelo ponto limítrofe final, onde naturalmente a luz surgirá. No caso do PE, a perspectivização parece ser *interior* em relação ao “tubo metafórico”: aqui, o raio de esperança não surge necessariamente onde o túnel acaba (como no caso do PB), mas, antes, no momento em que a luz é vislumbrada por alguém que experiencia a situação de clausura e escuridão, momento que pode surgir em qualquer ponto do túnel e não necessariamente no fim do percurso. Assim, trata-se do *ponto de vista* do falante que *perspectiva* o aparecimento e a percepção da luz. Esta percepção pode surgir em vários pontos diferentes da viagem *interior* pelo túnel efectuada pelo olhar num movimento fictivo (PE), ao contrário do que acontece na viagem efectuada fisicamente pelo próprio falante (PB).

Resumindo a análise efectuada dos exemplos (1) a (6) acima, apresentados na esteira dos trabalhos recentes sobre a perspectivização do movimento em PE (cf. Batoréo, 2014a) e, mais especificamente, sobre a expressão ‘*ao fundo*’ em Português (Batoréo e Ferrari, 2013), defendemos que, tanto em PE como em PB, o uso não-deíctico da expressão ‘*ao fundo*’ indica, prototipicamente, o limite de um espaço tridimensional, considerando-se a orientação *vertical* (como em, por exemplo, em (1): ‘*O barco acaba de ir ao fundo*’), sendo dirigido o movimento físico para baixo. A mesma expressão pode surgir, entretanto, numa extensão metafórica aparentemente estática, mas no fundo referindo o *movimento fictivo* do olhar do falante, numa orientação *horizontal* (conforme se pode observar em (2): ‘*Lá está o Congresso com as suas cúpulas ao fundo*’).

É interessante verificar que apenas o PE admite usos deícticos da expressão ‘*ao fundo*’, abordados de (4) a (6), nos quais a interpretação depende do *ponto de vista do falante* (p. ex., ‘*Siga em frente e, ao fundo, vire à direita*’). Estes usos causam problemas de intercompreensão com os falantes brasileiros, porque a localização indicada requer que o ouvinte estabeleça, como limite visual, o lugar que a vista permite, a partir do seu ponto de *perspectivização*. Os usos deícticos de ‘*ao fundo*’ em PE costumam ser substituídos em PB por outras expressões locativas, que até podem ser deícticas, mas codificam explicitamente o local topográfico que funciona como o ponto de referência (p. ex., *Siga por esta rua e, daqui a duas quadras, vire à direita*).

4. Conclusões

O objetivo do presente trabalho foi focar alguns usos espaciais, tanto deícticos como não-deícticos, da expressão espacial ‘*ao fundo*’, contrastando o Portu-

guês Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB). O enquadramento teórico do estudo encontra-se nos trabalhos sobre a *perspectivação* ou o *ponto de vista* cognitivo ancorado na expressão linguística, desenvolvidos nos últimos anos em Linguística Cognitiva (Talmy, 2000 e Langacker, 2000 e 2010, cf. Batoréo 2014b), com um especial destaque para os estudos reunidos em Dancygier e Sweetser (2012), nos quais se defende que a cognição humana não só se encontra profundamente ancorada no corpo humano como também fortemente perspectivada na linguagem (cf. Ferrari e Sweetser, 2012).

Na esteira dos trabalhos recentes sobre expressões de movimento em PE (cf. Batoréo, 2014a) e, mais especificamente, sobre a expressão ‘*ao fundo*’ tanto em PE como em PB (Batoréo e Ferrari, 2013), demonstrámos que o uso não-deíctico da expressão ‘*ao fundo*’ indica, prototipicamente, o limite de um espaço tridimensional, e *vertical* (como em: ‘O barco acaba de ir *ao fundo*’), a partir do qual se pode construir uma extensão metafórica do *movimento fictivo* do olhar do falante efectuado na *horizontal* (conforme se pode observar em: ‘Lá está o Congresso com suas cúpulas *ao fundo*’).

Observámos, também, que apenas o PE admite usos deícticos do *movimento fictivo* do olhar do falante com marcos limítrofes difusos, empregos em que a interpretação depende do *ponto de vista* assumido por quem fala (p. ex., ‘Siga em frente e, *ao fundo*, vire à direita’). Estes usos causam problemas de intercompreensão entre os falantes portugueses e brasileiros, porque a localização indicada requer que o ouvinte estabeleça, como limite visual, o lugar onde a vista alcança, a partir do seu ponto de vista no momento em que recebe a informação. O local que funciona como ponto de referência deíctico, entretanto, não é codificado linguisticamente, o que contraria as expectativas do interlocutor, causa confusão na construção da referência espacial e, potencialmente, cria um clima de desentendimento e falta de confiança entre os intervenientes. Os usos deícticos de ‘*ao fundo*’ em PE costumam ser substituídos, em PB, por outras expressões locativas, que também podem ser deícticas, mas codificam explicitamente o local topográfico que funciona como ponto de referência (p. ex., ‘Siga por esta rua e, *daqui* a duas *quadras*, vire à direita’), evitando (ou minimalizando) desentendimentos.

A principal contribuição do presente estudo é fornecer evidência de que, embora uma expressão – como a por nós aqui analisada expressão ‘*ao fundo*’ – esteja disponível nas duas variedades do Português, ela pode apresentar distribuições e usos diferentes nas variedades portuguesa e brasileira, em função de estratégias cognitivas distintas de conceptualização e estruturação do espaço, ancoradas na noção de *ponto de vista*, isto é, na *perspectivação*. Esta evidência significa que o conhecimento e a representação linguística do mundo estão profundamente ancorados na cognição humana, o que nos leva a reforçar a pertinência para a análise linguística do estudo da interacção entre a Linguagem e a Cognição.

Referências

- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Lisboa: FCT e Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. (Dissertação de Doutoramento, Lisboa: FLUL, 1996).
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2014a). Perspective point (viewpointing) and events of motion in European Portuguese. *International Journal of Cognitive Linguistics*. Vol. 5, Number 1. Nova Science Publishers, Inc., 53-54. ISSN: 1949-4971.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2014b). Leonard Talmy's Schematic System of Perspective. *International Journal of Cognitive Linguistics*. Vol. 5, Number 1. Nova Science Publishers, Inc., 55-74. ISSN: 1949-4971.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz & Ferrari, Lilian (2013). «*Quão fundo é o fundo?*» Perspectivação no caso das expressões com 'fundo' em PE e PB. Comunicação apresentada no *II Colóquio Brasileiro de Morfologia; uma homenagem a Margarida Basílio*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Dancygier, Barbara & Eve Sweetser (eds.) (2012). *Viewpoint in Language. A Multimodal Perspective*. Frontmatter/ Prelims: Cambridge University Press.
- Ferrari, Lilian & Eve Sweetser (2012). Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In Dancygier, Barbara & Eve Sweetser (eds.). (2012). *Viewpoint in Language. A Multimodal Perspective*. Frontmatter/Prelims, Cambridge University Press, pp. 47-68.
- Lakoff, George & Johnson, Mark (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George and Johnson, Mark (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Langacker, Ronald W. (2000). *Grammar and Conceptualization*. Berlin, & New York: Mouton de Gruyter.
- Langacker, Ronald W. (2010). Conceptualization, Symbolization, and Grammar, *International Journal of Cognitive Linguistics*, Vol. 1, Issue 1, 2010 Nova Science Publishers, Inc., pp. 1-7.
- Levinson, Stephen C. (2003). *Space in Language and Cognition: Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva, Augusto Soares da e Hanna J. Batoréo (2010). Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In Ana Maria Brito (org.) *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 229-251. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8319.pdf> (acesso a 5 Maio 2014).
- Talmy, Leonard (2000). *Toward a Cognitive Semantics*, Vol. I: *Conceptual Structuring Systems* & Vol. II: *Typology and Process in Concept Structuring*. A Bradford Book, Cambridge, Massachusetts & London, England: The MIT Press

Corpus

Linguateca. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Floresta/> (acesso a 5 Maio 2014).